

Stadium

Belenenses - Olhanenses

Abraão, a despeito do número de tentos sofridos, efectuou magníficas defesas. Perante a surpresa dos adversários, devolve a sóco uma bola perigosa



N.º 222

5 DE MARÇO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

O Estoril Praia soube reagir em Coimbra

Enquanto o Boavista conseguiu belo resultado em Setúbal, os campeões portuenses deram mais uma prova de inferioridade e desorientação — Confirma-se o poder de remate belenense — Vantagem escassa do Benfica, Sporting e Atlético

Crónica de RODRIGUES TELES

A 11.ª jornada do campeonato nacional de futebol, embora aparentemente desvaliosa, não deixou o público sem algumas surpresas. A primeira derrota da Académica, em Coimbra, e os empates consentidos pelo F. C. Porto e Vitória de Setúbal, nos seus terrenos, não estavam por certo dentro das previsões gerais. No encontro de Coimbra, o facto dos estorilistas se apresentarem desfalcados de Alberto, Oliveira Vieira e Lourenço justificava, só por si, uma possível vitória dos rapazes da «briosa». Mas não sucedeu assim, e todas as palmas devem dar-se ao Estoril Praia, que passou de vencedor por 2-0 a brilhante vencedor por 5-3. Quer dizer: — os representantes da A. F. L., depois de um mau princípio, marcaram 5 bolas — o que é importante.

Setúbal não resistiu ao Boavista, como o F. C. Porto ao Famacão. Logo, os dois visitantes tiveram honras de jornada, — tal como os rapazes do Estoril.

Resultados gerais da jornada:

Belenses... 5 — Olhanense... 1
Sporting... 3 — Vitória G... 1
Elvas... 3 — Benfica... 5
Atlético... 2 — Sanjoanense 0
Porto... 3 — Famacão... 3
Vitória S... 1 — Boavista... 1
Académica... 3 — Estoril... 5

A classificação: Sporting, 20 pontos; Benfica, 14 pontos; Belenses e Porto, 13 pontos; Estoril, Olhanense e Vitória de Setúbal, 12 pontos; Atlético e Académica, 11 pontos; Boavista, 10 pontos; Vitória de Guimarães, 9 pontos; Elvas e Famacão, 8 pontos; Sanjoanense, 1 ponto.

Para domingo estão marcados os seguintes jogos: F. C. Porto-Boavista, Benfica-Vitória de Setúbal, Estoril-Elvas, Vitória de Guimarães-Académica, Olhanense-Sporting, Sanjoanense-Belenses e Famacão-Atlético.

O Belenense continua a marcar tentos...

Já dissemos que o Belenense, após crise que se desenhava na primeira parte do campeonato, parece ter encontrado o seu ritmo. Vejamos: contra o Estoril, 4-0; contra a Vitória de Guimarães, 4-1; contra o Olhanense, 5-1. Parece que isto quer dizer alguma coisa. A turma belenense fazia falta na prova. E se reapareceu dentro do seu valor,



JOÃO AZEVEDO

Sempre bom, lento nas fases de treino intenso, como depois de qualquer crise provocada por afastamentos forçados. O grande guarda-redes nacional reapareceu — e continua a ser «ele mesmo».
E na última segunda-feira, no decurso de um jantar de homenagem, muitos admiradores lhe demonstraram a sua simpatia

teremos por certo uma segunda volta mais animada.

No jogo de domingo, contra os campeões algarvios, a sua vitória foi expressiva e revelou mais uma vez que o *team* possui valores capazes de galgar dificuldades. A equipa das Salésias chegou a 5-0. O Olhanense marcou o ponto de honra no fim do jogo — quando o vencedor estava satisfeito.

O Olhanense está a jogar com muita irregularidade. Mas no seu *team* há bons jogadores! Cabrita, Salvador, Moreira, Loulé, João dos Santos, Grazina — são homens de boa categoria. Não se percebem lá muito bem estes resultados do simpático grupo olhanense.

Os grupos:
Belenses — Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Mário Coelho, Armando, Teixeira da Silva, Martinho e Rafael.

Olhanense — Abraão, Rodrigues, Loulé, João dos Santos, Grazina, Eminência, Moreira, Soares, Cabrita, Salvador e Gomes.

Árbitro — Paulo de Oliveira, de Santarém.

Os vimaranenses lutaram com muito brio

No papel, o Sporting não teria dificuldades. Mas o futebol, sem surpresas, não tem piada alguma. Assim, no campo da «Cuf», agora utilizado pelos *leões*, demonstraram os campeões minhotos que «é assim mesmo». Perderam por 3-1, mas forçaram Azevedo, a defesas de boa marca. Quando isso acontece, jogando Azevedo é porque o adversário se empertiga e cumpre com as suas obrigações. Interessante, portanto, o bom comportamento do Vitória vimaranense. Os *leões* chegaram ao intervalo a ganhar por 2-1, e nos restantes 45 minutos apenas obtiveram mais um tento. Mas ganharam — eis o caso. O Sporting corre para o título bem lançado, com o sorriso nos lábios. Tem pano para mangas...

Alinharam:
Sporting — Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Canário, Barbosa, Veríssimo, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

Vitória (G) — Machado, Curado, João, José Maria, Ferreira, Luciano, Alexandre, Miguel, Brioso, Teixeira e Franklin.

Árbitro — Henrique Rosa, de Setúbal.

O pai bateu no filho...

Pessoalmente, não concordamos com a existência de filiais. O futebol provinciano deve ser auxiliado por organismos responsáveis e não pelos clubes. Caso Benfica-

-Elvas. Muitos casos pelo país além. Mas este assunto merece outros comentários. Adiante, portanto.

O Benfica deslocou-se para Elvas, a fim de jogar contra a sua filial. Quando os «encarnados» se exibem na cidade fronteiriça, é sempre dia de festa. Os desportistas locais são do Elvas e do Benfica. Por isso se diz que o Benfica jogou em ambiente familiar.

Os campeões de Portalegre, no entanto, chegaram a perturbar os lisboetas. Lutaram — para demonstrar aos seus melhores amigos que também sabem jogar... No fim do encontro, porém, a vitória do popular Benfica não era discutida. Por justa.

Eis como se apresentaram as duas equipas:

S. L. Elvas — Bandeira, Rana, Neves, Rebelo, Tonito, Oliveira, Santa, Massano, Patalino, Aleixo e Rosário.

S. L. Benfica — Pinto Machado, Félix, Fernandes, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Amorim, Julinho, Andrade, Baptista e Claro.

Árbitro — José Trindade, de Setúbal.

Os sanjoanenses jogaram com espírito defensivo

Ainda não foi desta. Os campeões de Aveiro continuam com um magro ponto, obtido na sua laboriosa terra, contra os estudantes de Coimbra, e não se contava no domingo com a prometida surpresa do ano...

Na Tapadinha, onde já perderam algumas das melhores equipas nacionais, — poderia o Sanjoanense triunfar? Todavia — teve bom comportamento. Sofreu um «goal» em cada parte, e isso não coloca mal a equipa. Continuaremos à espera do «seu resultado» para título a 2 colunas.

As equipas:
Atlético — Correia, Baptista, Castro, Rosário, Armindo, Morais, Manuel da Costa, José Lopes, Barbosa, Simões e Marques.

Sanjoanense — Barbosa, Joaquim, Costa Leite, Santos, Quintino, Manuel Silva, Pardal, Arlindo, Gonçalves, Azevedo e David.

Árbitro — Nuno Freitas, da A. F. de Leiria.



CHAPELARIA E CAMISARIA

Avenida Almirante Reis, 10-C.
Telefone 43482 — LISBOA



MARIANO AMARO

O veterano de equipa belenense, que ainda sabe comandar um grupo como ninguém. E a sua equipa, que venceu no domingo o Olhanense, pôde contar mais uma vez com a sua admirável experiência...

Deixou de ser domingo sim, domingo não...

O F. C. do Porto não perdeu, mas também não ganhou. No domingo todos esperavam, menos os famalicenses, segundo parece, a vitória dos campeões do Porto. Já lá vai o tempo em que se lhe poderia chamar, com toda a propriedade, campeão do Norte.

Na última partida, os azuis e brancos fizeram alterações. Já não faltaram apenas Gomes da Costa e Correia Dias. Naturalmente como represália — foram substituídos Barrigana, Romão, Freitas e Catalino. Mas — pior a emenda que o soneto...

O caso é que o Famalicão empatou, embora no último minuto. A crítica portuense não poupa o F. C. do Porto e louva os minutos. Devemos fazer a mesma coisa. O Porto deixou de contar com uma boa equipa, sem dúvida alguma.

Os adversários:

F. C. do Porto — Valongo, Alfredo, Guilhar, Joaquim, Alvarenga, Carvalho, Lourenço, Araújo, Sanfins, Falcão e Zeça.

Famalicão — Sansão, Armando, Cerqueira, Ferrão, Szabo, Adelino, Mendes, Pires, Alvaro Pereira, Tellecheia e Sampaio.

Árbitro — Vasco Ataíde, de Coimbra.

O Boavista, «melhor» que o seu campeão

Vê-se que o Boavista possui uma boa equipa. O team portuense não tem ases, mas joga dentro de um estilo agradável e produtivo. Alguns dos seus jogos conseguiram chamar a atenção do público, e embora o grupo esteja colocado no sector da retaguarda, não está a muita distância das equipas da frente. O F. C. P. e Belenenses têm apenas mais 3 pontos; o Estoril e o Vitória de Setúbal ganharam-lhe apenas 2; o Atlético e a Académica possuem apenas mais um...

A Irlanda venceu a Espanha

Os nossos vizinhos perderam por 3-2, mas o seu comportamento agradou ao seleccionador

A Espanha tratou com especial cuidado a sua deslocação a Dublin. Os treinos foram mais cuidados, e escolheu preocupou o seleccionador Coronado, não se fizeram jogos do campeonato um domingo antes e os componentes da equipa esla-giaram em Aranjuez, azeitivell local perto de Madrid — uma espécie de Estoril, como dizem os nossos amigos e vizinhos.

Parece, porém, que os sacrifícios foram compensados, se não largamente, pelo menos de maneira e não perturbar os sentimentos desportivos espanhóis. Perderam em Dublin, por 3-2, mas o seu comportamento pode considerar-se bom. Pela tangente haviam perdido também há um ano em Madrid.

Nesta jornada de Dublin, Pablo Hernandez Coronado apresentou a seguinte equipa:

Eizaguirre; Querejeta e Curto; Gonzalvo 3.º, Sans e Nendo; Epi, Arzo, Zerra, Herrero e Gaizna.

Os irlandeses procuraram organizar uma equipa de elementos que jogam nos seus campeonatos e outros ao serviço de clubes ingleses. A sua formação:

Bren; Mogowan e Carey; Farrel, Marlin e Walsh; O'Flanagan, Joad, Welsh, Stevenson e Elinlon.

O jogo foi dirigido pelo nosso conhecido mister J. Berrick, árbitro do Portugal-Sulça, e assistiram 40 mil pessoas.

O seleccionador nacional e nosso chefe de redacção, Tavares da Silva, que fez a viagem de avião com passagem de alguns dias em Londres, de onde nos falou na segunda-feira ao microfone da B. B. C., comentará no próximo número de nossa Revista, com maior soma de elementos, o jogo que muito interessava aos espanhóis — como aos irlandeses, evidentemente. Neste número, portanto, daremos apenas alguns apontamentos que resumam a ideia geral do desafio.

O campo de Dublin, já muito an-

lago, estava mal tratado pela chuva e pela neve, dificultando bastante o trabalho dos jogadores. No entanto, a equipa espanhola pôde aguentar-se briosamente, a despeito de Welsh ter obliido dois tentos — respondidos por um outro de Zerra.

Na primeira parte fixaram os irlandeses o resultado em 2-1 — um tento de vantagem, que veio a ser o da vitória, visto que nos últimos 45 minutos cada grupo conquistou um «goal». Stevenson fez o tento da sua equipa depois de Zerra forçar o empete. Falavam apenas 13 minutos para o fim do encontro quando a Irlanda passou a vencedora.

Os espanhóis ainda obtiveram um «goal», que foi anulado. Por tudo isto, o jogo agradou aos peninsulares. Pelo menos o resultado. A equipa irlandesa é boa, como demonstrou agora e noutros jogos, e por isso os espanhóis têm motivos para o contentamento denunciado após o encontro.

CAMPEONATO DA 2.ª DIVISÃO

A equipa do Almada

derrotou a «Cuf» lisboeta

Na última jornada, pouco de importante — apenas a derrota do G. D. da «Cuf», no seu próprio campo, contra o Almada, causou total surpresa.

Vários clubes continuam no torneio, sem derrotas: Barreirense, Oriental, Unidos de Montijo, Académico do Porto, «Cuf» do Barreiro, Sporting de Elvas, Sporting de Fafe e Sacavenense. O Salgueiros empatou com novo clube da 2.ª Divisão portuense, mas os resultados do clube nortenho já não surpreendem. Os clubes de Viseu perderam por larga margem com os de Espinho. Os clubes lisboetas não conseguiram ganhar na totalidade. Cuf e Futebol Benfica abateram bandeira perante colectividades da A. F. de Setúbal — Almada e Montijo. Sacavenense, com boa prova, Casa Pia e Oriental derrotaram os seus adversários: — Operário Vilafranquense, União Torriense e Leões de Santarém.

Breve estarão apurados os vencedores de série, e o Torneio melhorará de «qualidades».

Resultados gerais:

Grupo A — 1.ª série: — Sporting de Lamego-Celoricense, 2-2; Flávia-Mirandela, 2-1; Vila Real-Flaviense, 8-1.

2.ª série: — Monção-Leixões, 2-3; Ramaldense-Leça, 1-3; União Paredes-Vianense, 0-1.

3.ª série: — Aves-Avintes, 3-0; Sporting de Fafe-Gaia, 10-1; Oliveira Douro-Salgueiros, 1-1.

4.ª série: — Candal-Gil Vicente, 3-1; Académico-Infesta, 6-1; Sporting Braga-Ermezinde, 6-1;

Grupo B — 5.ª série: — Conimbricense-Beira Mar, 1-4; Sporting de Espinho-Ac. de Viseu, 10-1; Ovarense-S. L. Viseu, 6-1.

6.ª série: — Naval-Anadia, 8-0; União Lamas-União Coimbra, 0-4; Oliveirense-Marialvas, 11-1.

7.ª série: — Ferroviários-União Operária, 9 1; Marinhense-Alcoabaça, 3-0; Leões Santarém-Oriental, 0-4.

8.ª série: — Alhandra-Nazarenos, 3-0; Sacavenense-Operário V. F. 3-0; Bombarralense-Matrena, 2-1.

Grupo C — 9.ª série: — Casa Pia A. C.-Torriense, 5-1.

10.ª série: — Amora-Seixal, 3-1; Unidos Motijo-Fut. Benfica, 4-0.

11.ª série: — Cuf Lisboa-Almada, 2-3; Ginásio do Sul-União de Sesimbra, 2-0.

12.ª série: — Lusitano Évora-União Montemor, 0-1; Barreirense-Aldegalense, 3-0.

Grupo D — 13.ª série: — Egitanense-Sp. Covilhã (*); S. L. Castelo Branco-Gouveenses, 5-0.

14.ª série: — Portalegrense-Sp. Elvense, 1-4.

15.ª série: — Cuf do Barreiro-Moura, 13-0; Ateneu de Reguengos-Luso de Beja, 2-2.

16.ª série: — Portimonense-Desportivo de Faro (*).

(* Aditados por causa do mau tempo.

No campo dos Arcos, onde o F. C. do Porto perdeu por 4-0, o Boavista ganhou por muito tempo ao Vitória por 1-0. Cedeu o empate já na segunda parte. Os setubalenses, embalados com o resultado favorável contra os campeões do Porto, avaliaram mal da força do «segundo». Daí, talvez, o consentimento do empate.

Os grupos:

Vitória (S) — Baptista, Montês, Figueiredo, Armindo, Pereira, Vaz, Campos, Nunes, Cardoso Pereira, Rendas e Passos.

Boavista — Mota, Silva, Pereira, Garcia, Raimundo, Ramos, Caiado 1.º, Armando, Caiado 2.º, Caiado 3.º e Barr.s.

Árbitro — Borques Leal, de Lisboa.

Boa jornada do Estoril

Que o Estoril possuía boa equipa, já todos sabíamos. Mas tendo de apresentar-se desfalçada em Coimbra, não se julgava a equipa esp: z de resultado favorável.

Os estudantes, que já se apresentaram completos, deslumbrou-se naturalmente quando se viram a ganhar por 2-0. A equipa estorilista, em presença da desvantagem, reagiu enérgicamente e foi feliz. O seu triunfo, afinal, corresponde ao valor que o grupo tem demonstrado no decorrer do campeonato.

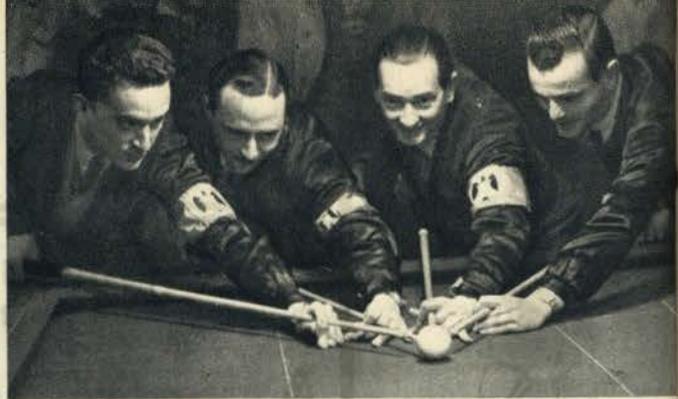
As equipas: Académica — Szabo, António Maria, Mário Reis, Brás, Eduardo Santos, Azeredo, Micalé, Emilio, Jorge Santos, Leite e Bentes.

Estoril — Sebastião, Pereira, Elói, Cassiano, Nunes, Fragateiro, Lima, Bravo, Mota, Osvaldo e Raul Silva.

Árbitro — Vieira da Costa, do Porto.



A equipa representativa de Portugal, que empatou com a Espanha.



A equipa espanhola, que jogou contra Portugal

PORTUGAL E ESPANHA EMPATARAM EM BILHAR



Antes dos nossos comentários ao encontro de bilhar que empatamos com a Espanha, publicamos o mapa dos resultados:

Portugal

	J.	V.	E.	D.	P.
Allabern	3	3	0	0	9
Rebello	3	2	0	1	7
Ferraz	3	1	0	2	5
Pereira	3	0	0	3	3

Espanha

	J.	V.	E.	D.	P.
Puigvert	3	3	0	0	9
Domingo	3	2	0	1	7
Torrentes	3	1	0	2	5
García	3	0	0	3	3

Oito dos mais fortes bilharistas portugueses e espanhóis foram escolhidos para disputarem o 5.º encontro entre as duas nações.

Quatro nomes absorviam a atenção dos entendidos e dos amadores de bilhar: Ferraz, Alabern, Rebello e o espanhol Domingo, este desfrutando actualmente de uma posição de grande e justificado relevo, dada a sua extraordinária forma e grande classe. Sobreretudo o duelo Ferraz-Domingo prendia de uma maneira geral todas as atenções. Mas o campeão português cedeu ao lado do jogador espanhol que foi brilhante. De facto, Domingo demonstrou neste encontro com o nosso campeão o valor das suas vitórias nos últimos anos.

O jogo dos dois campeões, ao quadro 45/2, modalidade em que Ferraz não actuava desde o 2.º Portugal-Espanha, em Barcelona, foi conduzido com segurança pelo espanhol, especialmente carambolando séries magníficas, a que Ferraz não conseguiu corresponder.

No entanto, Alabern e Rebello supriram muito bem a fraca actuação de Ferraz.

José Alabern arrancou bons resultados e foi autor de jogadas que impressionaram muito. Joaquim Rebello demonstrou categoria e os seus jogos rodearam-se sempre de emoção e expectativa. A sua brilhante vitória sobre Torrentes em partida livre — 500 carambolas contra 15 — é indicativa do valor que demonstrou durante este Portugal-Espanha.

João Pereira derrotou Puigvert. O entusiasmo que os dois bilharistas põem nos seus jogos quando se encontram voltou a animar esta partida às três tabelas. Reviveram-se os momentos que quando do 2.º Portugal-Espanha os dois jogadores mantiveram — com brilhantíssima exibição do nosso compatriota.

Agora, na sala do Coliseu do Porto Pereira não conseguiu a vitória. No entanto em grande espaço de tempo o jogo foi-lhe favorável, desfrutando até de vantagem. Mas Puigvert conseguiu desfazer um empate de 48-48, que chegou a verificar-se, e acabou em vencedor.

Também a vitória de Alabern sobre García constituiu bom triunfo para o português, impondo com clareza o seu melhor jogo mediante um estilo que lhe permitiu brilhante vitória.

O resultado final deste 5.º encontro entre bilharistas portugueses e espanhóis foi um empate.

Alternadamente a equipa portuguesa e espanhola estiveram merecedoras e até à última partida não se pôde adivinhar o vencedor o que de certo modo condiz com corrente de jogo desenvolvido pelos bilharistas.

As duas equipas estabeleceram entre si um equilíbrio que corresponde à actual situação global dos seus jogadores. Se uns jogaram com brilhantismo, afirmam-se os bilharistas de categoria, outros fizeram as suas partidas por forma discreta. Alguns não deram o rendimento que deles se esperava.

O empate, portanto, revela o valor actual dos bilharistas de Portugal e Espanha.



Nesta coluna, de novo encontramos bilharistas interessados na vitória — que se negou



Doas fases do encontro entre espanhóis e portugueses



Domingo, magnífico campeão espanhol, numa fase do seu jogo contra Alfredo Ferraz



Alfredo Ferraz, o excelente campeão português, dá princípio à sua partida contra Domingo

Os perigos da «Taça Ibérica» em futebol

A interessantíssima competição poderia criar situações delicadas para o desporto luso-espanhol

Madrid, especial para «Stadium», de RAMON MELCON



A equipa do Sporting, que no ano findo triunfou na «Taça de Portugal» e que por certo faria boa figura numa «Taça Ibérica». No primeiro plano, da esquerda: — Armando Ferreira, Sidónio, Peyroteo, A. Marques e Albano; no segundo — Cardoso, Roqui (suplente) Veríssimo, Juvenal, Manuel Marques, Barrosa e Azevedo

A importância de todos os encontros desportivos entre espanhóis e portugueses e o interesse que despertam entre os aliciados de ambos os países, servem para justificar o facto de há muitos anos — há mais de 15 — se falar da realização de um torneio de futebol chamado «Taça Ibérica». Pretendia-se jogar uma competição relâmpago — com um duplo encontro eliminatório entre os campeões e sub-campeões de uma e outra nação, já que a falta de datas disponíveis não permitia celebrar o torneio pelo sistema da Liga Espanhola e do campeonato português.

Mais tarde pensou-se na conveniência de incluir os quatro mais bem classificados nas duas nações na luta, sempre por sistema de eliminatórias, entre equipas de nacionalidade distinta, em duas voltas, com um jogo em campo de cada um dos contendores. Os quatro não eliminados jogariam um breve torneio pelo sistema da Liga.

Outras várias combinações se fizeram. umas fáceis de levar até à prática; outras, pelo contrário, quase impossíveis de realizar, por falta de datas livres. Mas a questão da «Taça Ibérica» veio outra vez à discussão, fala-se dela, — defende-se com um calor digno de melhor sorte.

Temos lido os últimos artigos publicados na imprensa portuguesa e espanhola, assinados por queridos companheiros e amigos, que cruzam ferros pela vingança da ideia. A opinião é fa-

vorável a ela. Muitos cronistas, dirigentes e aliciados opinam pela «Taça» — que já é célebre antes de nascer.

E, sem embargo, contra opiniões tão autorizadas como as que se publicaram; contra o sentir da maioria dos habituais assistentes dos campos de futebol, que vêm na «Taça Ibérica» um motivo de satisfação, já que ela permitiria o confronto constante dos valores futebolísticos de um e outro país, nos permitimos discutir a ideia, — feliz ideia desde logo, no seu aspecto desportivo — que com tanto brilhantismo e vivacidade se defende em Portugal e Espanha.

Não há dúvida de que uns encontros, com carácter oficial, entre equipas de aqui e de ali, seriam interessantes, muito interessantes, tanto que, precisamente pelo excessivo interesse que despertam, não devem celebrar-se. Vamos explicar.

Conste entretanto que fomos os primeiros a defender a ideia, — quando surgia, tanto particularmente como na imprensa. Celebrámos reuniões, fizemos entrevistas, demos relevo à importância que para o intercâmbio desportivo e para o estreitamento de laços amigos teria tal iniciativa. Nama palavra: — fomos os seus decididos paladinos.

Agora, as coisas modificaram-se. Talvez os anos nos tenham modificado. Quando a gente se vai tornando velho, sabe que os aspectos e matizes das coisas escapam mais facilmente na juventude ardorosa.

E o caso é que, francamente, tememos que da «Taça Ibérica» resaltem motivos que obriguem Portugal e Espanha a romper definitivamente as suas relações desportivas. Ou, pelo menos, as suas relações futebolísticas.

Bem recente está o último encontro Portugal-Espanha. Uma vitória portuguesa, como houve antes outras vitórias espanholas. Nada mais do que isso. E quem não se excita, quem não se indigna, especialmente ao ler opiniões surgidas do calor excessivo de um orgulho mal contido e um despeito que não se podia dissimular? Na imprensa de cá e de lá têm-se dito coisas que demonstram bem o perigo resultante destes intercâmbios desportivos, a não haver o espaço suficiente para temperar os ânimos, acalmar pessoas e as ondas revoltas por um temperamento como o que, por fortuna — verdade seja dita — têm espanhóis e portugueses.

Somos duas raças muito semelhantes. Ambas têm uma alma, um ardor e o espírito batalhador que escreveram páginas gloriosas na história do Mundo. Por essa coragem e decisão, os espanhóis descobriram um continente e os portugueses interromperam o sonho de Adamastor para descobrir novos mares e novas terras para a civilização cristã. Belos gestos têm sido levados a cabo por lusos e espanhóis. No entanto, uns e outros, separadamente. Não podiam encontrar-se nos momentos em que se tratava de descobrir mundos, e repartiram a glória em duas metades, para que, irmãos de raça, indomáveis e feros, pudessem entregar-se a heróicos cometimentos sem se molestarem.

rem. E, assim, a civilização ocidental pôde recolher o fruto que, de outro modo, teria ficado escondido sabe-se lá por quantos anos.

Portugueses e espanhóis que-rem-se tal como são: — como irmãos. Mas têm um orgulho, um amor próprio exacerbado que ao melhor detalhe os faz vibrar. Reagem sempre com alma, com fúria, e esses arrebatamentos, causados por motivo fútil, podem trazer desgráveis consequências quando não se consegue dominá-los devidamente.

Se umas declarações mais ou menos ligeiras de ambas as partes deram lugar a enfiados molestos, — o que não produziram uns encontros de selecção, a supremacia do futebol peninsular? Se o Sporting, Benfica, Belenenses e Porto, por uma parte, e por outra o Atlético de Bilbao, Barcelona, Madrid e Atlético de Madrid, por exemplo, tivessem de dirimir essa superioridade que hoje se discute tão apaixonadamente em volta de um só encontro, — não seriam frequentes as polémicas, as «picadelas» pouco amáveis, as ironias, as suspeitas, os mal entendidos e as susceptibilidades feridas?

Pensem os que tenham de decidir nesta questão, que parece trivial, mas na realidade com transcendência absoluta. As boas relações dos dois países irmãos — como disse muito bem Tavares da Silva — não podem estar à mercê de um encontro desportivo. Se o desporto não serve para apertar laços, mais convém a gente separar-se dele. As coisas, com o ritmo que seguem, já vão bem. Faremos o possível por conseguir que melhorem ainda. Há ideias que, no fundo, são magníficas, mas que na prática são utópicas. Esta «Taça Ibérica» correria o perigo de converter-se, quando menos, em «questão delicada». Que o êxito espectacular e financeiro estava assegurado, ninguém o duvida. Nós não duvidamos, entretanto, que se o êxito fosse demasiado grande, poderia afogar com enormes proporções o outro êxito que buscamos e que na verdade queremos: — a amizade, a simpatia e o carinho entre irmãos.

R. M.



O F. C. do Porto foi sempre um bom adversário de equipas estrangeiras. Cumpriria também com o seu dever na luta pela «Taça». A sua última equipa, da esquerda, no primeiro plano: — Lourenço, Araújo, Senfins, Freitas e Catolino; no segundo — Barrigana, Joaquim, Romão, Carvalho, Guilher e Alfredo

O FUTEBOL FRANCÊS

ANTES E DEPOIS DA GUERRA

A PROPÓSITO DO PRÓXIMO PORTUGAL-FRANÇA

No prosseguimento de brilhante carreira internacional, a selecção portuguesa de futebol vai ser chamada, dentro de um mês, a novo encontro. Será seu adversário o «team» nacional da França, país onde o futebol atingiu, depois da guerra e apesar da guerra, notável valor técnico. Aliás, já antes da eclosão do sangrento conflito, que tanto mal fez à espiritual França, os franceses tinham saído do segundo plano para uma posição de mais fulgor, mais brilhante, mais «universal».

A «grandíssima guerra» não lhes quebrou o interesse pelo desporto. A França compreendeu, mesmo, que só no desporto podia encontrar a forma de dar força e vigor à sua mocidade, preparando-a melhor para as trágicas eventualidades do seu destino, de quando em quando agitado por profundas convulsões...

Fiéis adeptos dos «modernismos» do futebol, os franceses são adversários difíceis. E o 8.º Portugal-França, que será disputado em Paris (Colombes) no dia 23 de Março, constitui um problema para a selecção nacional... Não esqueçamos a importância do desafio, o nível que atingiu o futebol «tricolor». E ganhar à França, no «coração» da França, nessa maravilhosa Cidade-Luz, que continua a ser a «capital do espírito», terá enorme retribuição mundial.

Acresce que é o primeiro jogo que Portugal disputa «fora de casa» depois do Portugal-Suíça de 1945. Um triunfo, em tais condições, seria o coroamento de já gloriosa selecção de Tavares da Silva.

O nosso seleccionador já começou os seus trabalhos de preparação do «conze». Dezasseite jogadores foram convocados. Estão entre eles, como não podia deixar de ser, os rapazes que bateram a Espanha. E mais um que o público de todos os matizes admira pelas suas excepcionais qualidades — João Azevedo, o sportinguista de quem Ricardo Ornelas, com a sua incontestável autoridade, afirmou que «roça o prodígio»...

Deixemos Tavares da Silva e os seus «pupilos» entregues à tarefa importante da preparação do «team» nacional. E num salto prodigioso — com o avião não há saltos... prodigiosos! — vamos a França. Em pensamento — claro... Não há perigo de quedas no espaço nem de choques com as montanhas. «Ele» galga montes e vales, perfura a bruma, desafia as tempestades, transpõe oceanos e continentes. E tão depressa está em Lisboa como em Washington, em Paris como em Tóquio ou nas Ilhas Bermudes ou nos mares do Polo Norte com o almirante Byrd...

Agora está em França.

No ano anterior à guerra entre

o Eixo e as Nações Unidas — e que guerra, Santo Deus!... — a França estava, no terreno futebolístico, dividida em 21 regiões. As respectivas Ligas regionais dirigiam 5 568 clubes e o número de jogadores licenciados, isto é, aptos a



DA RUI

disputarem provas oficiais, era de 188 664.

As Ligas mais «ricas» quanto a clubes eram as do Sudeste (590) e do Norte (502). E no que dizia respeito a jogadores, as duas Ligas continuaram a deter o centro. Simplesmente — as posições invertiram-se. O Norte era o «leader» com 22 532 e o Sudeste ocupava o segundo lugar com 21 447.

No número de 188 664 jogadores havia apenas 878 profissionais;

destes, 96 possuíam uma licença especial que lhes permitia a requisição, em qualquer altura, como amadores.

Actualmente, há em França 6 111 clubes e... 308 mil jogadores licenciados! A guerra, felizmente, não entrou a expansão do futebol francês.

Quarente e seis clubes são profissionais. Por outras palavras e com mais propriedade: há 46 clubes com equipas profissionais. Não é bem o mesmo coisa.

Mas àqueles números há que juntar alguns mais, que, aliás, desconhecemos. São os que correspondem aos grupos filiados na «Federation Gymnique et Sportive des Patronages de France» e aos grupos escolares e universitários. Em 1938, segundo os cálculos do extinto «Miroir des Sports», o número de clubes franceses devia ser de 12 mil e de 500 000 o de jogadores de todas as categorias!

O campeonato da «Divisão Nacional» é o mais importante. Agrupa 20 clubes profissionais. Vêm depois a 2.ª Divisão, os campeonatos regionais, os de amadores, os da F. G. S. P. F., etc.

Na «Divisão Nacional» estão os clubes de mais nomeado. Roubaix, Lille, Estrasburgo, Reims, Stade Français, Red Star, Racing, Metz, Nancy, Marsella... E os famosos Da Rui e Ben Barek, prováveis na equipa do Continente que defrontará a Grã-Bretanha, Hilli, Bihel, Vaast, Heisserer, Leduc, Domingo, Koranyi, Baralle, Tempowsky, etc., etc. — e etc. ainda...

No sector internacional a França registou, na época de 1938/39, a última antes da guerra, magníficos resultados: 5 jogos, 3 vitórias, 1 empate e um derrota. A França



BEN BAREK

bateu a Polónia por 4-0, a Bélgica por 3-1 e o País de Gales por 2-0. Empatou com a Hungria, por 2-2, e só foi batida pela Itália, em Nápoles, por 1-0.

Esta série de bons resultados deixava já prever o enorme progresso do futebol «tricolor». Terminada a guerra, os franceses venceram a Checoslováquia e a Inglaterra. E — como sabe bem escrever isto... — perderam em Lisboa, com Portugal!

Sete vezes já os portugueses se bateram com os franceses. Uma vitória da França, por 4-2, encetou a luta. Logo um ano depois Portugal tirou boa desforra. No Lumiar, num dia de chuva intensa, os franceses foram derrotados: por 4-0! A selecção portuguesa fez, nesse dia, um dos seus melhores desafios e os dois José Manuéis — o Marilins, ainda felizmente vivo, e o Soares, o «Pepe», arrebatado cedo e trágicamente ao convívio dos seus amigos e admiradores — traduziram em quatro bolas, duas de cada, a supremacia de Portugal.

No ano glorioso de 1928, em Paris, houve empate: 1-1. Em 1929 a França venceu por 2-0 e em 1930 Portugal retribuiu a «gentileza».

Só em 1940 os dois países voltaram a jogar, ainda em Paris, num terreno coberto de neve. Os «tricolores», mais habituados ao frio, chegaram a 3-0. A reacção dos nossos foi admirável. Mas não servia o triunfo nem o empate sequer. 3-2 foi o resultado.

Até que, restadas as relações luso-francesas, Portugal começou exactamente contra a França uma das suas carreiras internacionais de mais brilho. O 2-1 do Estádio Nacional abriu caminho à retumbante vitória sobre a Espanha...

Garhar à França, em França mesmo, eis a «mirragem» que se oferece aos internacionais portugueses. Concordemos que a tarefa é difícil. Porque os franceses sabem jogar, têm um sistema definido e enraizado no país, seguem em todos os clubes o mesmo processo de preparação, dispõem de excelentes unidades. Mas, tal como se fez com a Espanha, criemos aos nossos valorosos rapazes o ambiente necessário para que a proeza se possa registar. Proeza que marcará uma bela data na história do futebol português.

Manuel Mota



A equipa representativa da França, que jogou o último encontro com Portugal, no Estádio do Vale do Jamor: Da Rui, Grillon, Salvo, Prouff, Guissard, Leduc, Aston (cap.), Heisserer, Bihel, Ben Barek e Vaast. Angelino Fontes era o seu meçagista]



Mota denuncia certo desalento. Natural. Desta jogada saiu o ponto de empate setubalense, a despeito do decedido mergulho do guarda-rede do Boavista



Boa defesa de Barbosa, guarda-rede sanjoanense. Os adversários deixaram-no manobrar

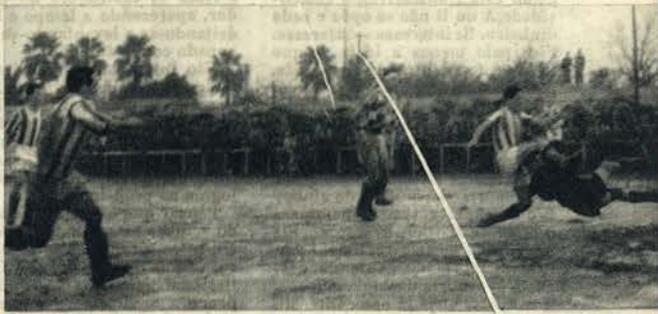


O guarda-rede sanjoanense de novo em acção



Armindo que jogou a médio-centro, interrompe uma avançada

O BOAVISTA fez boa figura em SETUBAL



Admirável defesa de Mota, aos pés de Cardoso Pereira



O guarda-rede portuense viu-se obrigado a trabalho cuidadoso. Mas foi sempre seguro e oportuno, como aqui se demonstra

**ATLÉTICO, 2
SANJOANENSE, 0**

Os profissionais britânicos

valorizam-se de jogo para jogo, a fim de corresponder em categoria individual e técnica

LONDRES, Março de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

Outro problema que os ingleses encararam inteligentemente há muitos anos: — o do profissionalismo. Já por várias vezes falámos das suas actividades no campo da previdência, mas deve dizer-se que tudo está ligado ao futebol britânico por certos interessantes, sobretudo inteligentes, cuidadosamente urdidos nos departamentos oficiais e aceites sem relutância pelos praticantes e seus dirigentes.

A questão do profissionalismo é definitiva para a melhoria do futebol. Na Inglaterra como em todos os países que a imitaram. O profissional inglês cumpre com as suas obrigações disciplinadamente, porque isso faz parte da sua educação e também do exacto conhecimento que tem dos compromissos tomados com os clubes.

Não se assiste em Inglaterra ao jogo de habilidades, à troca escandalosa dos jogadores, que «inventam» empregos e deslocações suspeitas. Os ingleses estão livres desses espectáculos.

O profissional cumpre e o clube não falta na altura própria. O jogador está transferível, a colectividade A ou B não se opõe e pede dinheiro. Se interessa — interessa. Fica pelo menos a ideia de que tudo se fez dentro da legalidade, não se prejudicando seja quem for, por se haver trilhado caminho honesto e livre de atritos.

No capítulo «transferências» o sistema é claro como água. O Arsenal deseja Matthews? Este não se importa de mudar de clube? E o Stock City tem homem para o lugar de Matthews? Pronto. Eis uma transferência realizável, honesta, própria de gente de desporto — própria da Inglaterra.

A importância já não conta. Mil e duzentos contos? Mais? Seja o que for. O futebol inglês suporta tudo isso, porque o nível de vida não perturba e as receitas são capazes, cobrindo bem estes pagamentos astronómicos.

Fica-nos o problema do jogador. Este tem o seu grémio, onde de-

fende direitos próprios. Ganha bem. Mas ai dele se foge ao contrato. O futebol é uma coisa séria e não se admite falta de treino, desobediências, abandonos injustificados, amuos ou ausência de educação de colega para colega. Nem é preciso doutrinar nesse sentido, porque tudo gira em volta de uma regulamentação exacta e rigorosa.

O que resulta de tudo isto? O aperfeiçoamento técnico do jogador. O futebolista inglês, ganhando bem, vive sem cuidados

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
2 » »	130\$00

especiais, valorizando-se de semana para semana. Tem todo o interesse em progredir, seguindo à risca as instruções do treinador, aparecendo a tempo e horas, deitando-se e levantando-se preocupado com o futebol.

Não interessa ao jogador britânico a vida desregrada e inútil. Procede como profissional. Ser profissional é atingir a perfeição, a celebridade, e sabe-se que isso apenas será possível à custa de trabalho, persistência, amor ao jogo e ao próprio grupo.

Pensar que o jogador não gosta do «clube» mas sim dos seus vencimentos, unicamente do dinheiro, é uma opinião ousada. O profissional empenha-se, aplica-se, procura a vitória se a sorte do clube depende dela, principalmente em jogos de campeonato, e assim se torna respeitado.

O facto de um jogador mudar de equipa não altera os seus hábitos. É um operário que se emprega no futebol, e o que importa ao desportista britânico é assistir a jogos valiosos. A febre clubista não atinge os ingleses em alta escala. O grande jogo, o futebol desenvolvido por bons profissionais, entusiasma as assistências.

E assim se valoriza o futebol: — Os profissionais ingleses, correspondendo, contribuindo largamente para isso; o publico, compreendendo as suas obrigações; e os clubes olhando por todos os casos ligados ao recrutamento sério, sem atropelos de qualquer categoria. O profissionalismo inglês tem bases honestas. E aqui reside, certamente, o segredo do seu triunfo, em Inglaterra como em toda a parte!

F. M.

Comentarios

Inverno no Verão

Os dirigentes do atletismo lisboeta, que ainda o são, quando já o não deviam ser, porque nem com a lanterna de Diógenes se encontra quem os queira substituir, parecem resolvidos a transferir para o Estio as provas do seu calendário de Inverno.

O programa das corridas de corta-mato e em estrada, delineado pela respectiva comissão técnica tarde e más horas, enviado à aprovação das instâncias superiores quando já de longa data devia ter entrado em execução, sancionado há cerca de quinze dias, nem mesmo assim começou ainda a ser cumprido, faltando por consequente as primeiras jornadas, nos dias propostos e aceites.

O hábito, o péssimo hábito, melhor dizendo, tem grandes tradições na actividade allética lisboeta, mas vai excedendo, de ano para ano, o limite do aceitável sem riscos de sérios prejuizos. E' indispensável estabelecer para os corredores um período de descanso entre as competições que disputam durante o Inverno e a temporada de pista; por outro lado, reconhece-se a conveniência de antecipar o início da preparação intensiva desses homens, sobretudo dos mais categorizados, tendo em vista as competições de maior responsabilidade da temporada pisteira.

Enquanto os seniores se limitarem a correr duas vezes por ano, no regional e no nacional, o progresso será impossível; é indispensável proporcionar-lhes, desde o começo das provas das categorias inferiores, ocasiões para competir; a Federação deve a si própria estudar o assunto, encontrando a fórmula que consiga interessar os atletas e obrigá-los a comparecer.

Todos os propósitos serão, porém, inexequíveis enquanto a época de corta-mato e estrada se estender, por culpa de inauguração tardia, até Abril ou Maio. Não é em Março que se deve começar com estas corridas, mas sim em Novembro, criando possibilidades de maior intervalo entre as duras competições, de

aumento do programa e de sua conclusão em meados de Março, o mais tardar.

O trabalho é o mesmo, quer a época seja antecipada ou retardada; cumprir, neste caso, é apenas questão de acordar a tempo. Os dirigentes lisboetas ainda continuam imersos em profundo sono hibernal.

Problemas luso-espanhóis

Com a vinda a Lisboa do Chefe do Departamento de Federações da Delegação Nacional de Desportos espanhola, sr. Guilherme Hildebrand, reuniu-se pela oitava vez a Comissão Permanente de Intercâmbio Luso-Espanhol, que apreciou e se pronunciou sobre os variados problemas de interesse para a aproximação entre os dois países em diversas modalidades.

Ninguém poderá negar os bons serviços prestados nestes dois anos decorridos, desde que foi fundada, pela Comissão de Intercâmbio; as relações entre as nações peninsulares retomaram um curso transitoriamente interrompido e alargaram-se por campos ainda nunca abrangidos.

Embora não sejam conhecidas as decisões tomadas na reunião de segunda-feira, 24 de Fevereiro, é lícito supor que a temporada próxima vai ter excepcional animação, proporcionando muitos e variados contactos com os desportistas vizinhos, alguns de particular importância para ambos sob o ponto de vista de colaboração preparatória para próximos e mais largos cometimentos internacionais.

Dentro deste espírito colaboracionista podem ser incluídas a visita, no ano passado, da equipa de hojei do Paço de Arco a Barcelona e a recente presença dos melhores esgrimistas espanhóis das três armas em Lisboa. Sabendo-se que foi confiada à Federação Portuguesa a organização dos campeonatos mundiais de esgrima, este último acontecimento projecta-se com especial fulgor nos horizontes do futuro, pelo que revelou das possibilidades dos nossos atradores — desde longos anos privados do contacto com adestradores estrangeiros — e do interesse do publico pelas competições de armas.

Nas três sessões do match ibérico, sobretudo na de espada, a assistência foi admiravelmente numerosa, entusiástica — nem sempre concededora na proporção do seu entusiasmo — e apaixonada.

Embora continuemos alargando a nossa esfera de infiltração no desporto mundial, prova-se, a cada experiência, que as competições com os nossos amigos e irmãos peninsulares conservam para o publico português o sabor estimulante dos fortes aperitivos.

Almanaque dos Desportos

300 páginas ilustradas

Autores: — Alguns dos melhores jornalistas portugueses

Recebem-se inscrições nesta Redacção — Preço do livro 22\$50 — Todas as modalidades e todos os campeões — As leis do futebol dentro de uma grande obra.

Ano V — II Série — N.º 222
Lisboa, 5 de Março de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

O presidente da Federação Espanhola

e o secretário geral do mesmo organismo

fizeram curiosas revelações e mostraram-se optimistas



D. CARLOS REVENGA
presidente da Federação
Espanhola de Esgrima

Constituiu de facto uma bela jornada para a esgrima portuguesa o recente torneio luso-espanhol. Depois de um período de intensa preparação, as duas Federações puderam julgar com melhor critério e à vista dos resultados qual o nível técnico dos seus esgrimistas nas três armas. Além disso, foi uma bela recuperação do contacto entre os esgrimistas das duas nações.

Aproveitando a visita dos dirigentes da Federação Espanhola de Esgrima procurámos ouvir-lhes acerca do movimento actual da modalidade no país vizinho.

Amavelmente e com simpatia, que gostosamente reconhecemos, D. Carlos Revenga, presidente da Federação Espanhola de Esgrima, e D. Eusébio Pérez-Fuster Gómez, membro da Federação Internacional de Esgrima e secretário geral da Federação espanhola, dispuseram-se à entrevista. Um e outro foram-nos dando os informes que lhes solicitávamos.

— A equipa que veio a Lisboa traduz uma boa percentagem do trabalho que de há 2 anos a esta parte vem operando-se na esgrima espanhola — dizem-nos os dirigentes espanhóis.

«Quando ocupámos os nossos cargos na Federação pudemos observar que este belo desporto tinha quase desaparecido. A guerra que a nação espanhola suportara

linha ocasionado desastrosos efeitos no nosso desporto. Começou então — com entusiasmo e afinco — a desenvolver-se o nosso desejo de termos no seu devido lugar a esgrima espanhola.

«É este torneio luso-espanhol, que acabamos de disputar, que constituiu o balneio e esse nosso trabalho. A desorganização em que encontrámos a modalidade sucede já uma animada e proveitosa actividade, em cinco regiões das dez onde a esgrima mais intensamente se praticava.

— A base dos vossos núcleos esgrimistas é de gente nova?
— Sim. Contamos com bons elementos, dos quais Gómez-Pereles e Diogo Lopez são belo exemplo. Esgrimistas saídos da Frente da Juventude.

— Antigos?
— Felix Pomés, Francisco Albornoz e Antonio Salinas. Os restantes são todos esgrimistas «feitos» desde 1931.

— Em qual das três armas se consideram melhores?

— Em florete e sabre. A nossa vitória no sabre foi elucidativa. No florete perdemos apenas pela diferença de dois assolos, mas demos mais «toques» do que recebemos. Em espada, se bem que consideramos os portugueses muito bons, sentimos a dificuldade do desconhecimento do aparelho eléctrico.

E os nossos entrevistados, de perfeito acordo e procurando fazer sentir o mais possível ao reporter o significado das suas palavras, declaram-nos:

— Mas, acima de tudo, o que nos interessou e muito alegria nos

deu, foi encontrarmo-nos com os esgrimistas portugueses. E este intercâmbio permitirá de futuro uma mais ligada acção dos esgrimistas dos dois países. Também como Portugal, preparamo-nos para o Campeonato do Mundo e para as Olimpíadas. Pois desejamos que tanto o vosso país como o nosso brilhem a grande altura nesses torneios.

«Quando agora saímos para vir disputar o torneio luso-espanhol, não nos preocupava o resultado técnico do encontro, unicamente trazíamos o desejo de fortalecer e amizade entre os esgrimistas das duas nações.

— Voltamos a abordar o aspecto técnico do encontro.

— A que atribuem a vossa vitória no sabre?

— Trata-se de uma arma que está mais dentro do feitiço e no temperamento do espanhol, que é nervoso e não teme a luta — que em florete e espada também se luta.

«Ao sabre sentimos-nos fortes e tanto assim que tendo nós começado o nosso trabalho de preparação das três armas ao mesmo tempo, chegámos com vantagem na preparação técnica do sabre.

— Os Portugueses?
— Agradaram-nos à espada. Continuam, como sempre, a ser grandes espadistas, de fama mundial.

«Tivemos pena de não podermos apreciar o vosso Rui Meyer. Silveira continua brilhante.

«De uma maneira geral, este torneio satisfaz-nos imenso, como esgrimistas, como dirigentes e como espanhóis.

— Vão voltar ao treino?



D. EUSÉBIO PÉREZ FUSTER
GÓMEZ
secretário geral da mesma
Federação

— Da mesma forma, intensamente. Esperamos que quando os Portugueses forem a Madrid retribuir-nos esta visita já lhes apareceremos muito melhores, nas três armas. Os novos seguirão o caminho dos consagrados.

— O ambiente do nosso público?
— Curiosamente interessado. Muito entusiasta.

— Regressam portanto satisfeitos com os resultados deste torneio?

— Multíssimo. Satisfeitos e agradecidos por tanta amabilidade, dos dirigentes, dos desportistas e das vossas entidades oficiais.

«Honrou-nos imenso a presença do vosso venerando Chefe do Estado na prova de espada. Foi com imensa alegria que o cumprimentámos e encantou-nos a forma desenvolvida como nos falou do desporto em Portugal e Espanha.

«Também o Embaixador de Portugal em Espanha nos rodeou de especiais atenções, dando-nos todas as facilidades de que carecemos.

«E não esqueçamos o presidente da Federação Portuguesa, Sr. Mário de Noronha, amigo antigo, presidente honorário de nossa Federação. Distinguiu-nos muito a sua amabilidade em trazer sempre na lapela, durante a nossa estadia em Lisboa, o emblema da Federação Espanhola.

«Enfim, recordaremos sempre este torneio luso-espanhol. A linda selva que nos ofereceram há-de figurar sempre em lugar de honra na nossa Federação.

Já a despedirmo-nos, os dois amáveis dirigentes confidenciaram-nos uma grande alegria: a de premiar-nos com a vitória no sabre a vindo a Lisboa, nesse dia, de D. Hildebrand, delegado provincial dos desportos de Espanha.

ABREU TORRES

F. S.

NATAÇÃO

Guilherme José Patroni

correu os 100 metros-livres em 1 m. 04,8 s. no festival do S. A. D.

Adois meses de distância de uma época que, logicamente, se antevê particularmente cariosa mas recheada de pesadas responsabilidades, a secção de nataçào do Sport Algés e Dafundo — neste ano de 1947, a cargo de Alfonso Gonçalves, Vitor Manuel Leal e Oscar Cabral — não podia tomar, de facto, melhor attitude do que a de movimentar os seus atletas, chamando-os a prestar provas, desta vez com vista a uma organizaçào que já ganhou raizes fundas dentro do clube — o «Torneio da Primavera».

Verifica-se, assim, boa soluçào de continuidade nas provas de Inverno do S. A. D., provas sempre necessàrias, mesmo quando, pela força das circunstâncias, têm de se circunscrever a simples competiçõeis inter-socíeis.

Por vezes afluem-se na im-

prensa o problema da representaçào portuguesa nos campeonatos europeus de nataçào, a efectuar em Setembro próximo, no principado do Mónaco. Num ponto parece que estamos todos de acordo: Portugal deve estar presente. Mas não basta estar presente. É necessário iniciar desde já, a preparaçào do elenco nacional. Haverá quem discorde?...

A primeira série da prova de 100 metros-livres foi, como é natural, a que proporcionou melhor espectáculo — e melhores resultados técnicos. A presença dos «internacionais» Guilherme Patroni e João Eduardo Pereira Bastos deu-lhe animaçào especial. Ambos correram sem se empregar a fundo — dentro das suas características habituais. Para o «sprinter» foi, como é lógico, o melhor resultado: 1 m.

04,8 s.; para o especialista de meio-longo, uma marca que não deslustra: 1 m. 11 s.

Jaime Ferreira Moniz, Eduardo Marta Barbeiro, Ral de Almeida Beja e Artur Malheiro da Silva, são, igualmente, nomes a registar, que cumpriram dentro das suas possibilidades.

Na prova de braços, também na distância de 100 metros, os resultados não foram lamosos. E a série que reunia os melhores elementos valeu mais pela luta do que pelas marcas obtidas. Adriano Cabral Rodrigues (1 m. 30,9 s.) e António Martins Xeira (1 m. 31,4 s.) forneceram-nos as melhores exhibiçõeis.

Cinco simpáticas garotas animaram o festival. Maria Luisa Malheiro da Silva demonstrou, mais uma vez, as suas inegáveis qualidades para o «crawl» de frente, percorrendo os 50 metros em 39,4 s.; Otilia Reposo venceu, destacada, a prova de braços.

E domingo próximo, nova reunião. A época de nataçào ao ar livre aproxima-se e há que movimentar os nadadores.



Abraão, guarda-rede algarvio, devolve com os punhos uma bola alta, sem oposição de qualquer belenense



A bola salta da cabeça de Mário Coelho em condições de ser jogada por outro colega. O defesa algarvio nada pôde fazer

O BELENENSES voltou ao bom caminho



Teixeira da Silva está-se tornando perigoso. Abraão antecipa-se-lhe, porém, com absoluto êxito



Outra boa defesa de Abraão, ameaçado pelo avançado-centro belenense

Vitoria do *difícil* SPORTING



Um dos remates característicos de Peyroteo. Mas a bola não causará apreensões...



Fase movimentada sobre a defesa vimarense, vendo-se Peyroteo, Travassos Vasques e Jesus Correia em frente de José Maria, João e Luclano



José Maria não deixa respirar Travassos. O remate do internacional leonino, entretanto, foi devolvido por João, oportuno e ágil



Machado actuou com segurança. Uma das suas boas defesas

Jogos da bola «RIVER YEO»

ANDEBOL

A chuva, que se não decide a acabar, tem prejudicado grandemente o campeonato da modalidade, atrasando-o de maneira que começa já a ser incompatível com a sequência normal da temporada. Claro que do caso ninguém pode ser culpado, mas isso não impede que comecemos a enfrentar a provável situação futura.

Estará o campeonato regional concluído antes da data estabelecida para o início da competição nacional? Recordemos que as associações concorrentes pretendem participar, cada uma, com três representantes, o que dará à prova federativa uma duração mínima de dez semanas; que não deixará de celebrar-se o tradicional Porto-Lisboa em duas mãos e, ainda, que é quase segura a vinda a Lisboa da seleção de Barcelona e possível a deslocação de um grupo de Lisboa a Espanha e França.

Tudo isto para realizar antes do encerramento da época. Se a chuva não se amerceia de nós, não sabemos como vai ser.

No domingo passado apenas se disputou um encontro de segunda categoria e outro da 1.ª divisão. Os campos foram todos considerados incapazes para a prática da modalidade.

Esta era a primeira jornada da segunda volta do torneio, no qual o Belenenses ocupava a chefia da classificação, preparando-se para reconquistar um título que já foi seu; gozando do benefício da empate entre o Sporting e o «Cuf», basta-lhe vencer um dos rivais — independentemente dos outros adversários menos aguerridos, mas sempre perigosos —, para ficar senhor do campeonato ambicionado.

No 1.ª Divisão, o Almada leva dois pontos de vantagem sobre o Glória, equipas ambas que ainda não conheceram a amargura da derrota. O resultado final, dependente do choque entre os dois, parece de antemão incerto, pelo equilíbrio de valores.

Esperemos pelo termo da inverna para que o andebol possa prosseguir normalmente o seu caminho. Ou, então, aceitemo-lo como jogo aquático.

VOLEIBOL

Prejudicada embora a sua marcha pelo mau tempo insistente, as séries eliminatórias do Torneio de Preparação atingiram praticamente o seu termo, ficando apurados para a lista final o Técnico — como não podia deixar de ser — e o Alenau.

No decurso desta prova registraram-se por parte da entidade organizadora algumas fantasias que nos merecem reparo.

Em primeiro lugar, consentiu — ou sancionou, o resultado é o mesmo — que a equipa do Sporting dispulisse no mesmo dia dois encontros, contra o Benfica e o Interacional, o que é formalmente proibido pelo Regulamento da Direcção Geral dos Desportos, que

considera tal facto severamente punível.

Consentiu ainda a Associação, por outro lado, que um concorrente dispulisse os seus encontros não alinhando no segundo jogo e disputando, por haver vencido o primeiro, depois o de desempate. A decisão não tem sentido comum; o encontro obrigatoriamente de dois jogos e, eventualmente, de um terceiro em caso de igualdade; mas só pode, portanto, considerar-se terminado após esses dois jogos e a falta de um dos adversários à segunda metade anula todos os efeitos precedentes e equivale a abandono ou desistência.

Discordamos ainda do critério seguido pela Associação para preenchimento das vagas verificadas na Divisão de Honra; porque no campeonato de 1946 os concorrentes foram apenas sete (falta do Parede, que se não inscreveu), subiu automaticamente o Lisboa Glorioso, e porque o Interacional abandonou o torneio na primeira jornada e o regulamento diz que os clubes nesses circunstâncias baixam de divisão, ascendeu mais o Oriental.

Agora, no momento do sorteio, constata-se a ausência da Promotora, criando terceira vaga, e vai-se buscar o Olímpico, terceiro classificado na Primeira Divisão em 1946.

Surge aqui o nosso desacordo, pois preferiríamos e nos parece mais justo que se conservasse — por tradição, por direitos adquiridos, por lógica até — o velho Interacional no seu posto.

A decisão está tomada, porém, e resta-nos confiar em que tantos novos promovidos saibam empregar no campeonato o brilhantismo necessário à sua categoria.

José de Eça

XADREZ

O Torneio dos Mestres

foi ganho por FRANCISCO LUPI e Gabriel Ribeiro

Há pouco mais de um mês, quando do Campeonato de Lisboa, insurgimo-nos, na crónica do Torneio, contra a homologação do título que premeia o vencedor dessa prova. Fomos talvez audaciosos em abordar assunto de tal natureza, mas confiáramos no fundamento da nossa reclamação. O Torneio dos Mestres do Sul, agora finalizado, veio reforçar o nosso ponto de vista.

Sem dúvida alguma, esta foi a prova máxima do Xadrez lisboeta. O torneio anterior, com tal elenco, foi apenas como que um ensaio. Deram-lhe as seguintes utilidades: apurar 3 candidatos à Categoria de Mestre... e classificar o vencedor, conferindo-lhe o título de Campeão de Lisboa. O triunfo pertenceu a Carlos Pires. E no Torneio dos Mestres, Carlos Pires classificou-se em 7.º lugar, atrás de todos os mestres inscritos!

Nada de extraordinário houve neste caso. No campeonato de Lisboa, somente defrontou 2 mes-

Famoso puro sangue inglês de extraordinária ascendência foi adquirido por Vítor Reynolds e já se encontra em Portugal

Para o desenvolvimento do hipismo em Portugal e para o aperfeiçoamento das raças cavallares, nem só o Governo se está preocupando. Também algumas coudelarias particulares cuidam do assunto com esmerado interesse, procurando adquirir animais de boa categoria que sirvam para reprodução e que, portanto, contribuam para o desenvolvimento que pretende dar-se ao nosso desporto equestre.

Vítor Reynolds, súbdito britânico residente no nosso país, de caças coudelarias, em Estremoz, têm saído cavalos da categoria de «Spah», «Storm», «Double R», «Hope», «Cirano», «Alvor», «Spillire» e «Tobrak», este último tão nosso conhecido em provas de obstáculos, quer montado por Guilherme Ivens Ferrez, quer conduzido pela filha deste concursista, D. Maria Teresa, acaba de adquirir, por alto preço e depois de portados trabalhos, um magnífico exemplar de puro sangue inglês — que, apesar de ter apenas quatro anos, se classifica em todas as provas em que entra, alcançando também primeiras classificações.

Ao sabermos da chegada a Lisboa do «River Yeo», fomos vê-lo, visto tratar-se de um exemplar de alto valor cuja saída de

Inglaterra só foi possível mediante uma licença especial e depois de se reconhecer que a lista de puros sangues não ficava sensivelmente empobrecida.

Trata-se de um lindo cavalo, de quatro anos, como dissemos,



«River Yeo»

castanho escuro e frente estrelada, com 1,61 de altura, utilizado pelo seu proprietário em Inglaterra major Claude Knight, nos corridas mais severas, isto é, nos de maiores distâncias — sempre superiores a três milhas — e com mais de oitenta quilos de peso em cima.

A aquisição do «River Yeo», só possível devido à acção do tenente-coronel Leslie, antigo adido militar inglês, despertou vivo interesse nos meios hípicos nacionais. O seu «pedigree» é famoso.

Filho de «River Prince» e de «Bonford», o bonito animal é neto materno do famoso ganhador «Blandford» e trineto do ainda mais famoso «Persimmon», que pertencea ao rei Eduardo VII e que ganhou o «Derby» de 1909, uma das maiores se não a maior competição hípica da Inglaterra.

O «River Yeo», que rapidamente se recompôs das agruras da tormentosa viagem que realizou, seguiu já para Estremoz. Vítor Reynolds, que amavelmente espera que o seu novo cavalo seja, num futuro próximo, o ascendente de algamas boas montadas de desporto, principalmente de cavalos de concurso, dado o pouco desenvolvimento dos corridas em Portugal.

Isso lhe desejamos muito sinceramente.

(Continua no próximo número)

NOTA DA SEMANA

Por um concurso de circunstâncias assaz pitoresco, o telégrafo trouxe-nos um feixe de notícias emanadas das cinco partidas do Globo, anunciando outros tantos incidentes desastrosos, ou quase, que tiveram lugar nos campos desportivos.

O de mais importância produziu-se na América, em Lafayette, quando as equipas de basquetebol das universidades de Purdue e Wisconsin travavam um duelo acerbo. O público, vibrando intensamente com a marcação de dois pontos que deram a primazia ao grupo favorito, pulou nos lugares de uma tribuna e fê-lo com tanto vigor e cadência que esta ruuiu, arrastando numa queda desastrosa quatro mil espectadores.

O balanço imediato dos sinistrados registou duas mortes e duzentos feridos de importância.

Em Calcutá, na Índia inglesa, a Federação de futebol suspendeu os desafios marcados para aquela cidade, devido aos conflitos sucessivos que se geraram entre espectadores, possuídos de um entusiasmo delirante e agressivo.

Entre nós, Portugueses, também se produziu um incidente pouco banal no Campo das Salésias porque um boi surgiu junto do público e o fez debandar, resultando haver nove pessoas feridas, duas das quais eram crianças.

Estes factos, ocorridos durante a semana em lugares diferentes — e a que podíamos juntar outros que se deram noutras paragens — mostram concludentemente o perigo das aglomerações em massa e quanto cuidado deve o espectador dispensar nos seus actos, mesmo aqueles que exteriorizam o entusiasmo.

O problema das crianças (quantas vezes levadas a tais lugares sem a necessária atenção paterna e materna ou de quem as acompanha!), sujeitas ao esmagamento brutal produzido pelas aglomerações, outras vezes perdidas dos seus parentes, quando todos se dirigem à pressa para ocupar os seus lugares, é um problema digno de ser mediado e de se ter sempre na lembrança.

Outro tanto sucede com a explosão dos nossos sentimentos, inflamados pelo ambiente e pelo espectáculo.

Se juntarmos a isto o egoísmo grosseiro de tanto sujeito que deseja empurrar, comprimir e chegar depressa, sem atender aos outros — mulheres, velhos, crianças — mais débeis e menos fortes, teremos reunido motivos de sobejo para proceder com prudência e sossego nos terrenos desportivos.

Os exemplos atrás mencionados são espelho claro de tais benefícios.

R. B.

FUTEBOL

EM INGLATERRA

Pela quarta vez consecutiva o programa futebolístico de sábado sofreu, em Inglaterra, um duro revés. O Inverno atacou os terrenos com neve e gelo, determinando que 23 jogos de importância fossem adiados, e deste modo o total de desafios suspensos durante a temporada eleva-se a 119.

Não há memória de acontecimento equivalente ou semelhante. Os apostadores profissionais estão aflitos com a soma de prejuízos financeiros que os atingiu; os clubes prepararam-se para negar, com fundamento, os aumentos de salários exigidos pelos jogadores e estes manobram em sentido oposto.

A situação, como se depreende, é francamente caótica.

Entretanto, parece assente que a época seja prolongada até fins de Maio, caso contrário, alguns clubes terão de jogar três ou mesmo quatro desafios por semana.

Os Wolves, dianteiros na 1.ª Divisão, voltaram ao terreno, coisa que não faziam desde 18 de Janeiro por motivo do mau tempo. Os seus adversários, Leeds United, foram vencidos em casa (1-0), sendo o goal marcado por Westcott, na 2.ª parte.

Middlesbrough bateu Derby County por igual resultado (Man-

nion), outro tanto sucedendo a Blackburn Rovers e Liverpool em face de Sheffield United e Huddersfield Town. Charlton empatou com Aston-Villa (1-1) e Preston North End esmagou Brentford (5-2).

A classificação geral não sofre sensíveis alterações. Continuam à frente, na ordem indicada, os seguintes clubes: Wolves (39 pt.), Middles (37), Blackburn (36), Stoke City (36), Liverpool (36), Preston N. E. (36) e Manchester United (34).

Na 2.ª Divisão, Manchester City tomou o comando, por vencer Swansea Town (2-1) fora de casa. A um ponto de diferença vem Burnley, e Birmingham, a cinco pontos seguido de Newcastle, a seis, todos com mais dois jogos feitos.

Na 3.ª Divisão (Norte) Doncaster (45 pontos) e Rotherham (42) dominam o restante lote com folgada margem; na zona Sul, Cardiff City relegou a um plano subalterno quer Queens Park Rovers quer Bristol City.

Entretanto, celebrou-se em Liverpool, no terreno do Everton Clube, um desafio entre os *teams* representativos das Ligas de Inglaterra e da Irlanda. Venceu a primeira por 4-2, apesar do bom futebol realizado pelos irlandeses, que toparam com uma defesa impenetrável. Lawton e Kippax marcaram dois tentos cada um; Mac

a vida desportiva
POR ESSE MUNDO FORA

BOXE



Tony Janiro, esperançoso pugilista «semi-médio», acaba de abater sobre a lona, um minuto e três segundos depois de iniciado o 4.º assalto, o negro Beau Jack. A expressão dolorosa do vencido e o gesto da luva, esfregando o joelho, indicam a possibilidade de uma lesão na rótula, verificada mais tarde no Hospital. Este desafio efectuou-se em Nova York, a 21 do mês findo

NAS AMÉRICAS

O mais importante acontecimento pugilístico da semana, no tocante ao boxe internacional, foi a derrota do negro «Beau Jack», pretendente ao campeonato mundial dos «leves», às mãos de «Tony Janiro», um «semi-médio» natural de Youngstown cotado em quinto lugar no consenso de Nat Fleischer.

O «match» travou-se em Nova York, na presença de 17.000 pessoas. Ao findar o terceiro assalto Janiro havia conseguido ascendente pontual, aplicando ao negro

uma sova de respeito. No início do quarto, Beau Jack foi atingido por um soco curvo à mandíbula e tombou sobre um joelho, renovando uma fractura antiga na rótula. Com auxílio do árbitro conseguiu erguer-se, mas foi abatido de novo e declarado «fora de combate».

Janiro apresenta-se, pois, como um dos pretendentes mais sérios ao título da sua categoria, em poder de Ray Robinson. Espera-se, entretanto, que entre si e Charlie Fusari, vencedor recente de Tippy Larkin, se efectue uma eliminatória para determinar o futuro adversário do campeão.

Prosegue o giro que «Joe Louis» está realizando pelos países do sul e centro-americanos, exibindo-se contra os seus treinadores e outros adversários.

Recentemente, em Santiago do Chile, pôs o chileno Artur Godoy em maus lençóis, e abateu-o na lona, ao 2.º assalto, com um golpe ao estômago de grande violência. No imediato, repetiu-se a cena e no sexto houve «bis».

Arbitrou essa exibição o antigo «Touro Bravo» dos Pampas, Luis Firpo, que disse aos jornalistas: «Joe pode pôr Godoy a dormir quantas vezes lhe apeteça».



O Lisboa Ginásio Clube organizou no último sábado, no Teatro da Trindade, uma sessão de ginástica rítmica. Tanto bastou para que a sua iniciativa fôsse coroada de seguro êxito.

As gentis praticantes do Lisboa Ginásio Clube responderam admiravelmente, e por isso ouviram aplausos vibrantes e justos. Se a ginástica rítmica fôsse praticada em larga escala, com certeza veríamos o público rendido à beleza dos gestos e à graça inconfundível das senhoras que a exibem.

Este grupo apresentado pelo popular clube de educação física, pela sua simpatia e também pela segurança do seu trabalho, merece bem ser visto novamente. A crítica, como os espectadores, saíram do Teatro da Trindade dispostos a isso.

A nossa Revista apresenta três aspectos da magnífica exibição,

a beleza da GINASTICA RITMICA



O ESTORIL PRAIA prega uma partida...



Jorge Santos domina os defesas do Estoril. Mas não fará goal



Mota não consegue bater Braz, que se lhe opõe com êxito



Braz desvia uma bola que Mota pretende rematar

Benfiquistas num só jogo...

O Benfica jogou em Elvas com a sua filial. Jogo amigável, mas sem deixar de ser enérgico — em procura da vitória.



Em cima, um elvense domina uma bola com a cabeça.



Em baixo, uma avançada dos campeões de Portugal.



Sport Clube União Torreense, de Torres Vedras

Publicamos novo grupo de equipas concorrentes ao campeonato nacional da 2.^a Divisão: Sporting Clube de Lamego, que se propõe contribuir para a expansão segura do futebol na histórica cidade beirã; Sporting Clube Elvense, 16.^a filial do Sporting; Grupo União Sport, de Montemor-o-Novo, fundado em 1914; Clube Futebol União de Coimbra, campeão do distrito, título que arrebatou à Associação Académica; S. C. União Torreense, fundado em 1917 e campeão de 1946; e Clube de Futebol «Os Marialvas», de Cantanhede, campeão distrital da 2.^a Divisão, e que foi oportunamente chamado a participar no campeonato nacional da 2.^a Divisão.



Sporting Clube de Lamego

A 2.^a DIVISÃO do Campeonato Nacional



Clube de Futebol «Os Marialvas», de Cantanhede



Grupo União Sport, de Montemor-o-Novo



Clube de Futebol União de Coimbra



Sporting Clube Elvense

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

VII—A corrida da légua

Embora as corridas de fundo, na sua modalidade estradista, tenham sido as primeiras conhecidas em Portugal e aquelas que lançaram a ponte de transição para os concursos de atletismo em pista, só relativamente tarde estes incluíram nos seus programas as provas de elevada metragem.

Apesar dos campeonatos nacionais terem sido regularmente organizados desde 1910, teremos que deixar correr o espaço de três anos para averbar nos anais da modalidade a primeira prova de 5.000 metros, a légua tão caracteristicamente distância portuguesa.

Até esse ano de 1913, os corredores dividiam a sua actividade pelas provas de meio-fundo e pelas de grande distância, estas em estradas e tendo a Maratona como modelo de maior popularidade.

No regulamento do torneio atlético da Semana Desportiva do jornal «O Mundo», o seu organizador, o saudoso Rui da Cunha, teve a feliz lembrança de incluir uma prova de cinco quilómetros que, pelo avultado número de inscrições, foi a de maior êxito.

O favorito era João de Aguiar, corredor de fundo, pertencente ao Sporting, em cujo campo (o actual Lumiar A) se celebra o concurso; sucedea, porém, que de entre os numerosos desconhecidos participantes surgia quem o batesse de forma indiscutível.

Chamava-se ele Aquilino de Sousa e causou na época sensação pela facilidade de passada e pelo lólego inexaurível; corria nos repeões, sem ritmo, nem técnico, nem tática, mas com admiráveis dotes naturais. E assim desbaratou todo o pelotão

dos adversários, que se esgotaram a persegui-lo nas sucessivas e desordenadas embalagens.

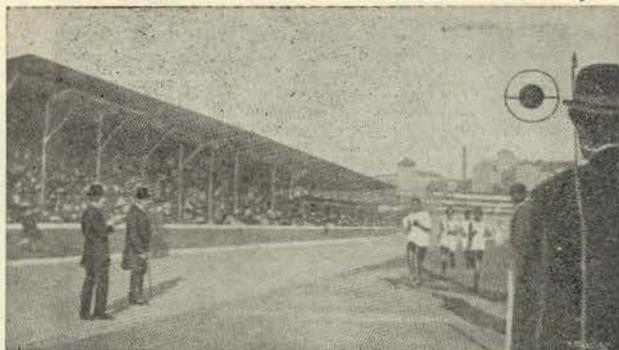
Entrando, depois de tão auspiciosa estreia, para a escola do Internacional, Aquilino foi nesse mesmo ano, em 4 de Maio, o primeiro campeão oficial da légua (Jogos Olímpicos Nacionais), em 16 m. 37 s., marca inaugural da lista dos recordes portugueses. O seu rival imediato foi João de Aguiar, largamente batido por 44,4 segundos.

A distância caiu no agrado



A equipa do Sporting, vencedora do certame de atletismo da «Semana de O Mundo» em 1913. — Vêem-se, ao centro, António Stromp, Salazar Carreira, Francisco Padinha, Gabriel Ribeiro, João Aguiar e Matias de Carvalho

do público e dos organizadores, tornando-se frequente. Ainda em 1913, nas festas desportivas comemorando o aniversário da República, foi disputada terceira



Uma prova de fundo, no antigo velódromo da Palhavã, no tempo em que os membros do juri usavam chapéu alto

corrida da légua, vencendo, num lote de valores medioeres, o desditoso César Machado, desaparecido pouco depois, na flor da mocidade.

A cisão Sociedade Promotora-Federação Portuguesa dea-nos, em 1914, dois campeões. Nos jo-

res populares, que rejubilavam com a facilidade das suas vitórias.

Serafim Martins correu em Lisboa unicamente nesta época, disputando depois ainda algumas provas na sua região, onde gozava de celebridade fácil de presumir.

Em 1915 realizou-se já apenas o campeonato da Federação, vencendo Manuel de Deus em 17 m. 55,4 s.

O jornal «Sport de Lisboa» pretendia nesse ano organizar o campeonato pedestre da légua, nos moldes que efectuou mais tarde, em 1927 e 1930, mas a iniciativa não teve conclusão. Alguma coisa se lacrou, contado, da ideia, porque Alexandre Correia Leal escreveu e publicou um «Método de Treino», que foi o primeiro livro da nossa bibliografia atlética e onde se encontram ensinamentos e noções técnicas hoje ainda úteis a qualquer que pretenda cultivar a distância.

Em 1916, desaparecidas por inércia as entidades dirigentes oficiais, resumia-se a actividade ao torneio promovido pelo Sport Lisboa e Benfica, sendo vencedor dos 5.000 metros o corredor Fernando Paula, em 17 m. 5,4 s.; 1917 é um ano morto e, no imediato, o Benfitea retoma o seu empreendimento, que se manterá até à reorganização, em 1922, da hierarquia dirigente do atletismo português.

Nos dois primeiros concursos o vencedor da légua foi Feliciano Gonçalves, do clube organizador, em tempo ignorado para a primeira vez e em 17 m. 17,8 s. na segunda; em 1920 e 1921 o seu sucessor foi Cecílio Costa (16 m. 37,4 s. e 16 m. 58,6 s.); em 1922 e 1923, José Maria Marques (17 m. 30 s. e 16 m. 55,4 s.) e finalmente, em 1924, último torneio promovido pelo Benfitea, João Marques Graça em 16 m. 40 s.

Com excepção do primeiro indicado, todos estes vencedores eram, de profissão, vendedores de jornais, começando com eles o reinado da dinastia dos «ardinas», que vai durar até à actualidade, com o único desmontamento provisório provocado por Manuel Nogueira.

Por este tempo voltaram a conhecer certa divulgação as provas em estrada, de grande

Salazar Carreira

(Continua na página 19)



Cecílio Costa, precedendo Albano Martins numa prova em 1923



Guilhar devolve, com oportuna cabeça, uma avançada que Alvaro Pereira conduzia



Alfredo opõe-se a uma avançada de Alvaro Peretra e consegue levar a melhor

O FAMILICÃO surpreendeu o PORTO



Remate forte de Pires, que um seu colega acompanha. Não há nenhum portuense na área...



Um remate de Zeca, ante a oposição de um adversário



O Académico vence facilmente



Uma fase do jogo Académico-Infesta, da 2.^a Divisão do Porto. A' esquerda: O guarda-rede academista defende com êxito uma bola alta

Stadium

na Capital do Norte

MOSAICOS nortenhos...

UM amigo chegado de Lisboa, por ter ido assistir ao jogo Vitória de Setúbal-F. C. do Porto, desportista que nunca falha a um desafio dos campeões do Norte, trouxe-nos novidades que fazem pôr «os cabelos em pé».

Por exemplo: — Berrigana, Pacheco, Araújo e Szabo (treinador) vão para o Sporting; Calado 1.º e Bentes ingressam no Belenenses. Como isto interessa ao Norte, damos a notícia. Já o diz-se de que Rogério Ingressaria no clube dos Leões; de que Petolino estava a ser assediado pelo Benfica (o mais forte concorrente) e pelo Sporting; e também do provável saída de Gastão, para o clube dos encarnados — não nos perturbou.

No fim de tudo, alguma coisa ficará por menos...

♦ SÁBADO próximo começa a disputar-se o campeonato nacional de basquetebol. O Vasco da Gama jogará jogo de entrada com o S. L. Benfica, campeão nacional e de Lisboa. Jogo grande para os amadores da popular modalidade. Nós confiamos na vitória viscaína. Os campeões portugueses sabem jogar, e por certo se não perturbarão na frente do excelente clube encarnado.

♦ DISCUTE conhecido e distinto jornalista português com o órgão de importante clube lisboeta. Acha-mos que não vale a pena. Por isso pouco... Mas o mais engraçado de tudo — o órgão lisboeta apelidar o jornal português de defensor acérrimo do F. C. do Porto.

Mas que bem informado!...

♦ ESPERÁVA-SE que o cortamato português tivesse concorrência valiosa e prestável dos clubes outras épocas interessadas. Mas afinal — tudo como dantes: — F. C. do Porto e Operário. Simpático camaradagem de um grande e de um pequeno.

E como se encara a posição do Selgueiros, que tem jogadores prestáveis? O caso é este: — ou trabalham ou deixam trabalhar.

♦ O VIGOROSA segue justamente na vanguarda do campeonato de andebol português. Possui na verdade a melhor equipa, mas não está mais forte em relação ao ano findo. Pelo contrário. É mais «teem» que os adversários — e eis tudo.

♦ AO contrário do F. C. do Porto, que continua a coleccionar resultados catastróficos, o Boavista impõe-se e revela valor apreciável. No domingo, o Porto deixou-se empatar pelo penúltimo da classificação geral; o Boavista, entretanto, por pouco não ganhou no campo dos Arcos... Parabéns ao clube do Besso.

Mau caminho...

Queixam-se os adeptos do F. C. do Porto da sua equipa de futebol. Há jogadores que não treinam, que se desinteressam dos resultados, sendo precisamente os que mais ganham e mais fama possuem. E muitos atletas notados começam a sair deste lamentável estado de coisas, e muitas derrotas se atribuem à desorientação individual dos elementos que alinham no primeiro clube português.

Julgamos que algumas afirmações não correspondem à verdade. Os adversários também jogam, os árbitros também influem (parece que em Setúbal influiu muito...) e o F. C. P. não possui um valor colectivo capaz de vencer algumas destas dificuldades. Hoje é uma equipa como outra qualquer.

Mas, em boa razão, não há fumo sem fogo. Muitos jogadores do F. C. do Porto não treinam e apenas procuram ganhar o seu ordenado. O treinador, a despeito da sua boa vontade, não consegue juntar a equipa no dia de preparação. Este é estudante (Gomes da Costa); aquele é oficial do Exército num regimento longe da cidade (Freitas); o outro mora fora do Porto e emprega-se em certa repartição camarária (Araújo); ainda outros (Alfredo, Romão, Sanfins e Correia Dias) são do distrito de Aveiro, onde têm ocupações profissionais...

Claro: — Szabo não tem equipa para treinar. E zanga-se. E ao domingo é aquilo que a gente vê! Mas pode ser assim? Não deve a direcção do F. C. do Porto estudar o problema de outra maneira, sem nos fornecer o espectáculo de apresentar ao público uma equipa desorganizada e sem preparação?

Ou se joga, ou não. Ou cumprem, ou não cumprem. E porque tudo isto vem a talhe de foice, é oportuno afirmar que a disciplina deve ser aplicada sem tremer. Quando um clube dá mostras de insegurança — é o diabo. O jogador habitua-se e faz o que muito bem lhe apetece. Cumpre o clube para com os seus representantes? Pois se cumpre — exija!

Humorismo — para quê?

Não podemos concordar. Um simpático colega, em estilo sério, mas de fundo humorístico, se lermos nas entrelinhas, escreveu há pouco tempo que estava elaborado um programa de festas em louvor de Onofre Tavares: retrato na sede, recepção em S. Bento, discursos...

Compreendemos o nosso colega, mas não lhe aplaudimos a ideia. O pequeno Onofre, 19 anos radian-tes, naturalmente ambiciosos, não podia abandonar o clube onde principiara sem um protesto natural do mesmo clube, sem que reagisse e procurasse, por todos os meios ao seu alcance, evitar a sua saída para o clube adversário.

Se o F. C. do Porto o achasse bem, fechando-lhe as portas, teria com certeza de estabelecer doutrina igual para todos. E mais dia menos dia — sem representantes, levados pelo egoísmo alheio, dava por concluídas as suas funções. O papel de «fornecedor» deste ou daquela colectividade poderia ser muito bonito, muito desportivo, mas... pouco cómodo para as aspirações do clube e da própria cidade.

Não podemos concordar. O F. C. do Porto levou o melhor, segundo julgamos, e cumpriu em absoluto com o seu dever. Defendeu a colectividade dos ataques estranhos, e se algumas vezes forrageou em campo alheio, não estaremos nós prontos a defendê-lo das censuras que receba ou haja recebido já. Cada um olha por si, e se o fizer com razão, com o propósito de evitar o desmoronamento de uma obra que muito custa a edificar, ninguém de bom senso deverá fazer-lhe crítico áspero.

Onofre Tavares é ainda uma criança. Não seria muito difícil deslembrá-lo com promessas, com um estógiço tentador na capital e o mais que se advinha. O F. C. do Porto reagiu, não interessa o processo, que não convence pessoas sensatas. E Onofre ficou, fazendo prova do seu pensar infantil e precipitado.

Julgar o F. C. do Porto com humorismo não se nos afigura aceitável. Não compreender que a juventude do corredor também justifica a atitude, é obrigá-lo a pensar em coisas que não estão ao seu alcance.

O problema nem sequer é delicado, se o vimos cuidadosamente. O campeão português defendeu-se, — porque o atleta lhe pertence. De mais o mais preparado nas suas fileiras. Não parece isso justo? Que diabo — então que se aconselha aos clubes no caso do F. C. do Porto? E quem nos diz que o popular clube, defendendo-se, defendeu o próprio Onofre Tavares?

Se o sistema permitisse outra actividade, vá que não vá. Mas como não permite, louve-se quem fez quanto lhe era possível para não deixar sair um rapaz que sempre estimo. Não, — humorismo, não. As coisas sérias devem ser conduzidas com os cuidados necessários, porque do contrário cairmos inevitavelmente no círculo vicioso e no «deixa correr» perigoso para a vida das colectividades. Onofre era do F. C. do Porto e filho predilecto. Pois fez muito bem o F. C. do Porto em o querer para si.

Ou não será assim?

O juiz de campo

não tem responsabilidades?

O «caso» Joaquim... como todos os casos iguais aos de Joaquim, merecem alguns comentários. Em síntese, para se perceber rapidamente: — uma equipa sofre um «gol» e logo a seguir a expulsão injusta de um homem. Desorienta, naturalmente. As entidades responsáveis, vendo o assunto com imparcialidade, castigam o jogador apenas com «repreensão registada». A atitude infeliz do árbitro fica reduzida à expressão mais simples, sem dúvida alguma.

Mas... e a derrota que poderia atenuar-se? Mas... e a situação do clube, exposto a tais despropósitos? Mas... e o aspecto moral da questão, mesmo na parte que interessa ao próprio atleta enviado para o balneário?

E aqui se vê o problema nas suas linhas gerais. Abandona-se o «caso» Joaquim para falar do assunto sob aspectos diferentes. Ao F. C. do Porto já ninguém tira os efeitos da derrota, que admitimos natural, com team completo ou incompleto. E para o jogador ficará simplesmente o desgosto de uma expulsão averbada no seu cadastro.

Doutrina, porém, merecem estas faltas de arbitragem, sejam praticadas por este ou por aquele, nesta ou naquela terra. Exigimos todos bom comportamento dos jogadores e dos clubes, que se castigam justamente, às vezes até com certa benevolência, podemos dizer.

Mas o árbitro, alguns árbitros, pelo menos, ficam aptos a decidir como lhes apetece, prejudicando sem responsabilidades. Isso deve ser evitado. Por quem? O disciplinador é que não importa ao crítico. Seja a Comissão Central seja a Federação — o que por certo interessa é evitar o «perigo» de não saber um clube se conta com juiz imparcial, no campo do adversário, principalmente.

Em Setúbal, um juiz de linha, segundo se afirma, «dominou» o árbitro do encontro. Joaquim e o F. C. do Porto saíram prejudicados, mas amanhã pode o mesmo suceder a outros, ao próprio Vitória setubalense, beneficiado sem o pedir.

Não se pretende, mesmo, especular com o «caso». Defendemos o árbitro, que necessita de prestígio, mas também não é possível consentir, sem reparo, que os seus deslizes alinham tão duramente as colectividades confiantes e desprevenidas...

Uma derrota que se abrevie pode valer um campeonato, vale com certeza uma reputação, e não podemos ficar toda a vida a dizer: «o árbitro prejudicou o visitante» ou o juiz de campo «fez uma arbitragem irregular».

Que diabo! Ou sabe e é imparcial, ou prevarica e deixa o lugar a outro! Dirigir é difícil, na verdade. Mas um árbitro ganha dinheiro e de maus profissionais estamos nós cheios!

Portuenses:
assinem a STADIUM

Stadium

A ginástica e a Velha Guarda



GAGO COUTINHO

Perto dos 70 anos, o almirante Gago Coutinho mostrou ainda o seu valor num exercício clássico de argolas

exemplo de como se praticava a ginástica e dos benefícios que essa prática proporcionava.

Evoquem-se esse exemplo, como homenagem para os pioneiros e estímulo para a geração actual.

O princípio de uma carreira

Conforme já dissemos, o almirante Gago Coutinho principiou a fazer desporto no Clube de Ginástica, que se formara como dissidência do Ginásio Clube Português. Aquele clube tinha a sua sede na Rua de S. Paulo, n.º 100, 3.º andar, e aproveitava para ginásio um barracão de madeira, existente no quintal da casa. E era conhecido pela designação de Ginásio de S. Paulo, para não se confundir com o clube da Rua de Serpa Pinto.

Devemos, porém, anotar que Gago Coutinho não tivera nada com a dissidência. Inscreveu-se no «Ginásio de S. Paulo» por uma razão de distância — aquele clube ficava apenas a um quarto de hora de casa dele, e estava perto do extinto Instituto Industrial e Comercial, o antigo Instituto do Conde Barão, onde o futuro almirante cursava preparatórios para a Escola Naval.

Gago Coutinho dedicou-se à ginástica de aparelhos e teve

como companheiros muitos dos seus camaradas do Instituto. Entre estes companheiros, salientaram-se dois — o falecido comandante Quirino da Fonseca, considerado então o «rei do trapézio», e Filipe Taylor, atleta famoso na sua época, que nos 70 anos ainda saltava uma cadeira aos pés juntos.

Após alguns anos de actividade, a dissidência acabou, ingressando os sócios do Clube de S. Paulo na agremiação da Rua de Serpa Pinto. Voltou, pois, tudo à primeira forma.

Um sarau — e uma campanha...

O Ginásio criou, entre 1890 e 1891, uma secção náutica. Talvez por isso, Gago Coutinho, que se especializara nos exercícios de argolas, passou a dedicar-se também ao remo, à natação e à vela. Entrou em provas como remador e disputou uma de mergulho, no primeiro festival de natação, já em 1906. E teve um barco à vela.

Não deixou, porém, a ginástica — e as argolas. E foi lembrado para o primeiro sarau que se seguiu à entrada no Ginásio. Mas não entrou como atleta... Conseguira distinguir-se na Armada, e aproveitaram-no especialmente como técnico. A força

das circunstâncias levou-o a uma novidade — à montagem de uma campanha eléctrica. Segundo o que disse na recente palestra do Ginásio, foi a primeira campanha eléctrica que se instalou em Portugal.

Dentro do Ginásio, relacionou-se Gago Coutinho com alguns dos sócios de maior relevo — João, Carlos e Francisco Xapedo. Acompanhou, também, Duarte Holbeche. Foi íntimo do falecido comandante Joaquim Costa, seu camarada na Marinha de Guerra e no desporto. Fez parte de uma pleiade notável de atletas e dirigentes. E todos eles se classificavam de furiosos, quanto ao seu entusiasmo pelos desportos.

Vantagens e benefícios

Gago Coutinho não chegou a campeão, mas constituiu um exemplo esplêndido dos benefícios proporcionados pela Educação Física. Tornou-se forte, não prejudicou os seus estudos e tirou proveito da sua flexibilidade muscular no desempenho de várias funções oficiais.

Duma vez, quando efectou a primeira viagem, num navio de guerra com armação para navegação à vela, sabia à verga do mestre mais alto, na presença dos marinheiros, criando fama de excelente ginasta, entre a tripulação do barco.

Colheu também vantagens para as funções de cartógrafo e topógrafo, pela facilidade com que marchou sempre na medição de distâncias e na transposição de obstáculos, bem como pela «endurance» que lhe permitia suportar esforços violentos.

Apesar de contar já uma idade muito respeitável, Gago Coutinho ainda está rijo e se conserva bem disposto.

Há poucos anos, por ocasião do aniversário do Ginásio, e após um almoço no salão nobre do clube, trepou a umas argolas e fez, vestido, uma «simulânca» de bom estilo. No ano transacto, em Paço de Arcos, depois de um almoço oferecido por Filipe Taylor, quis Gago Coutinho andar um bocadinho a pé, para facilitar a digestão... Ao almirante juntaram-se outros convivas do almoço — Dr. José Pontes, Carlos Fernandes e almirante Sousa Dias. O passeio, em boa companhia, prolongou-se de Paço de Arcos a Algés!

Gago Coutinho, uma das glórias nacionais que passaram pelo desporto, é um exemplo magnífico dos benefícios que a prática dos desportos pode provocar, quando a eles se recorre com conta — e medida...

Quando, há algumas semanas, se evocarem as primeiras provas-campeonatos de natação, falámos, em rápida evocação, de Gago Coutinho, o glorioso almirante que tem nome firmado na navegação aérea, companheiro predilecto do falecido comandante Sacadura Cabral, na primeira travessia do Atlântico.

Gago Coutinho foi figura de realce no desporto de fins do século passado. Os homens da sua idade começaram no velho clube da carreirainha do Socorro. Mas ele, talvez por vir um pouco mais tarde para o desporto, principiou no Clube Lisboense de Ginástica. E dedicou-se a vários desportos do mar, certamente os que se adaptavam melhor à carreira que a seguir e em que se tem distinguido notavelmente.

O almirante Gago Coutinho contou, há tempos, no salão nobre do Ginásio Clube Português, em palestra interessantíssima, o que era a ginástica no século XIX. E, para tornar mais sugestiva a recordação do seu tempo, reportou-se especialmente a si, para

ATLETISMO

(Continuação da página 16)

fando algumas, sob forma de estafeta outras, ou ainda na clássica medida da légua.

Entre as primeiras mereceu referência a prova Cascais-Pedrouços, disputada em 1921; a mais importante entre as do segundo tipo foi a «Volta ao Porto» e na terceira categoria indicada englobam-se as corridas organizadas também nesta cidade pelos jornais «A Montanha» e «Primeiro de Janeiro», com assinalado êxito.

A primeira légua do «Janeiro» correu-se em 29 de Maio de 1921, antes portanto da reorganização do atletismo, triunfando o portuense Jaime Campos em 16 m. 51 s., seguido pelo lisboeta Cecílio Costa (17 m. 26 s.) e por Manuel da Silva (17 m. 50 s.) de Espinho.

A organização repetiu-se dois anos mais tarde, com o concurso dos melhores especialistas da capital, representando o Vendedor de Jornais F. C. e o Sporting; venceu António Pinto (V. J.) em 15 m. 43,2 s., o qual precedia

Jaime Campos (F. C. P.), 16 m. 1,6 s.; José Maria Marques, 16 m. 8,4 s. e António de Almeida, ambos do V. J.; o campeão de corta-mato Jaime Proença (N. A.) o recordista da légua Albano Martins (S. C. P.), Abílio do Nascimento (Sp.), Mota e Costa (E. N.) e Cecílio Costa (Sp.). O total dos participantes elevava-se a 180.

Entretanto, com a fundação em Lisboa da Federação Portuguesa de Sports Atlético, iniciavam-se nessa cidade os campeonatos regionais e nacionais, com a exclusiva presença de representantes dos clubes da capital.

O primeiro campeão de Lisboa dos 5.000 metros foi Albano Martins, que conseguiu derubar enfim o velho recorde de Aquilino, com 16 m. 28,6 s. em 9 de Agosto de 1922.

Albano, que aparecera pela primeira vez no concurso do Bealica no ano anterior em representação de um clube popular, o Estrela, dera entrada no Sporting, aperfeiçoando as suas apreciáveis qualidades de corredor.

Ero, na pista, um atleta dese-

legante, tronco curto e dorso abaulado, mas a sua enorme passada tudo fazia esquecer. Foi uma vítima da miragem desportiva; praticando o pugilismo (chegou a conquistar para o Sporting um título de campeão amador na categoria dos meios-médios), enveredou pelo profissionalismo, convencido que partia à conquista da Golconda e encontrou apenas desilusões, esquecido por tantos «amigos» que o cercavam na época da glória.

Neste campeonato regional, o seu mais directo rival foi Domingos Jorge, como ele «ardina», outra carlosa figura; ao contrário de Albano, tinha um passo excessivamente curto, mas rapidíssimo. Quase não empregava a oscilação dos braços, mantendo o equilíbrio do corpo, graças a exagerado rolar de ombros. O seu tempo, nesta prova, foi de 16 m. 34,8 s.

No campeonato nacional, Domingos conseguiu bater Albano, em 16 m. 35,2 s.; o vencedor, em tarde de crise, gastou 17 m. 7,4 s., e o campeão nacional de corta-mato, Mário da Assunção, vindo expressamente do Porto, classificou-se em quarto lugar.

(Continua)

S. C.

Mário de Oliveira

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



Realizou-se no último domingo o corta-mato de abertura, tendo-se concluído com a vitória de Felipe Luis, do Sporting, o primeiro à esquerda, em seniores; Joaquim Branco, do Belenenses, a seguir, em juniores; e António Cabral, do Belenenses, em principiantes. Em cima, uma fase da prova, vendo-se Manuel Nogueira, do Sporting, seguido de 3 adversários. Felipe Luis já havia passado antes



Tomou posse a nova direcção do S. L. Benfica a que preside o brigadeteiro Tamagnini Barbosa. O sr. Mário de Noronha, presidente da assembleia do popular clube abraça o seu colega de gerência por entre palmas dos assistentes



A equipa do Centro Extra-Escolar n.º 1 (Belém) que no domingo ganhou à Escola Ferreira Borges na fase final do Campeonato da M. P.



A equipa de rugby do S. L. e Benfica, que no último domingo ganhou ao Sporting por 9-0. Em baixo uma fase do encontro entre os dois populares clubes